AVEIRO, 31 DE JANEIRO DE 1970 * ANO XVI * N.º 794

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

A U. C. I. D. T. em AVEIRO

DR. DUARTE RODRIGUES

AUSPICIOSO foi o primeiro colóquio realizado pela U. C. I. D. T. (União Católica de Industriais e Dirigentes do Trabalho) em Aveiro, no passado mês de Junho. Razões havia para, logo então, dar os parabéns a Aveiro e confiar em que a cidade e todo o Distrito soubessem corresponder ao que deles se esperava: é que a nova iniciativa era mais um contributo para o progresso desta terra progressiva e Aveiro, porque evoluída, não poderia deixar de acompanhar este fermento de antecipação criadora.

O novo ano confirmou já a promessa daquele primeiro encontro: na terça-feira da semana transacta, dia 20, foi proferida uma palestra subordinada ao tema «A Empresa: célula base da vida económica, organismo vivo, comunidade de pessoas e centro de operações e trocas».

Foi conferencista o Eng.º Mário Moreira, que soube expor os múltiplos aspectos técnicos, que o tema abarca, por forma a prender sempre a atenção dos presentes. E, quanto se aprendeu ali: não foi simples exposição teórica, mas também lição da experiência, aliás, na linha de pensamento de que os dirigentes do trabalho também se formam na vida.

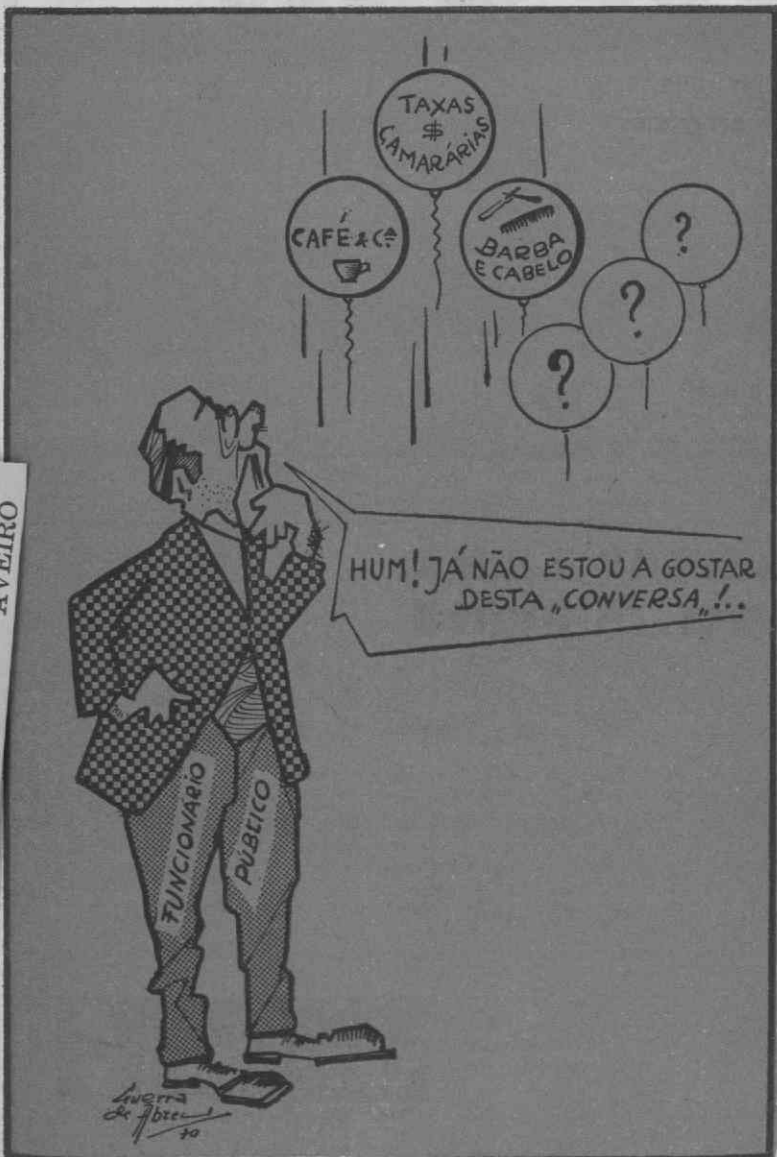
Foram sistemàticamente analisados os problemas que afronta essa comunidade de pessoas e centro de relações múltiplas, esse organismo vivo em evolução constante que cria riqueza: a falta de um estatuto jurídico global, as técnicas de apuramento da situação económica e financeira e da própria capacidade de gestão dos seus dirigentes, a questão do capital e as necessidades de investimentos em escalas cada vez mais vastas, a participação dos trabalhadores na vida da empresa, a divisão de serviços e a inevitável delegação de responsabilidades — estes, apenas, alguns dos aspectos em foco.

Por todo o colóquio transparece uma ideia dominante — a valorização humana da empresa: encara-se o balanço e a conta de exploração, não como finalidades em si, mas como meios de avaliar se, na empresa, se está a agir bem ou mal, ou melhor, de ajuizar da capacidade dos seus dirigentes; considera-se necessidade primária a criação de escolas que dêm aos trabalhadores não apenas uma preparação técnica mas, também e fundamentalmente, uma formação humana; admite-se uma delegação de responsabilidades o que implica o delegar o direito de errar — entenda-se, porém, o direito de errar como inerente à qualidade humana e não como defesa da inépcia ou da incompetência; preconiza-se um

Continua na página três

Marco relevante na nossa urbanização

Conforme anunciáramos nestas colunas, a Câmara Municipal de Aveiro, no prosseguimento da realização dos trabalhos urbanísticos da cidade, pôs em hasta pública o terreno que possuía à margem da Rua de Homem Christo, e que se destina à construção, para aquele local programada, do mais alto imóvel do mundo português. O acto teve lugar no salão nobre dos Paços do Concelho, na última segunda-feira, dia 26.

Presidiu à sessão o Vice-Presidente da Câmara, sr.

Continua na página cinco

Crónica de Lisboa

SOB O SIGNO DO MAU TEMPO

CAROLINA HOMEM CHRISTO

IMAGINEM lá o que me aconteceu terça (não sei se foi terça se quarta-feira da semana passada), mas enfim: numa destas últimas manhãs chuvosas e embirrentas que têm estado. Acordei Ouvi passos de homem na rua e uma assobiadela. Deitei a mão ao relógio que deixo sempre à cabeceira da cama e vi que eram 6 horas e meia — mais minuto, menos minuto —, a minha hora habitual. Já lhes tenho contado que gosto de começar a trabalhar cedo, tranquilamente, quando ninguém me maça, e para isso procuro chegar ao escritório às 8 para ter duas horas de trabalho à minha frente antes que comecem a interromper-me. O padeiro vem às 7 e, normalmente, quando chega estou de banho tomado e pronta a regalar-me com o primeiro almoço para depois acabar de me arranjar e sair. Tomei portanto o meu banho e vesti-me. E como o padeiro não tinha ainda tocado, escovei o cabelo, arranjei a carteira, para adiantar, e só não me maquilhei porque com luz artificial não vejo o que faço e arrisco-me a pintar-me como uma bailarina, o que detesto. Fiz isso tudo e padeiro... nada. Arreliada e resmungona olhei para o relógio e então é que eram as 6 e meia do estilo. Levantei-me uma hora mais cedo! Fiquei desesperada, não lá pela hora, mas pelo tempo perdido, pois não podia ir para o escritório antes das 8, porque só a essa hora entra a mulher da limpesa, que é quem abre a porta.

Não tive outro remédio senão esperar, claro. A manhã estava triste. Mas apenas soou o apito da obra de fronte de mim, que é o relógio mais certo que tenho, chamei um taxi e puz-me a caminho. Não se via ninguém. Só chuva e escuridão. Nem parecia Lisboa! Estou farta de sair a esta hora (que é a minha) sem que a cidade tenha um ar tão melancólico e ausente. Candeeiros das ruas ainda acesos. Eléctricos também ainda iluminados: uma desolação...

Tive um tregeito de revolta contra o tempo. Chuva, chuva, frio e nevoeiro há mais de dois meses quase sem intervalos. Que *seca*! Mas depois lembrei-me das notícias que pouco antes tinha visto nos jornais: tremores de terra, inundações monstro, Biafra... Que horrores por esse mundo além! Meu Deus, e eu a fazer caretas, bem instalada dentro dum carro, só porque a chuva, que não me molhava, é aborrecida e im-

Continua na página cinco

Problemas do nosso Salgado

ENG.º CARLOS DA MAIA

Publicou o «Correio do Vouga», no seu número de 23 de Janeiro, um artigo do Eng.º José Gamelas, sob a epígrafe «Sal é Problema», que referia, entre outros problemas de flagrante actualidade, a angustiante situação económica da classe dos marnotos, de tão nobres e ricas tradições no Salgado de Aveiro.

À guisa de esclarecimento, julgamos oportuno apresentar alguns dados que permitam ajuizar melhor as dimensões desta crise e as suas incidências futuras na exploração salineira, património comum dos proprietários e marnotos da Ria de Aveiro, que importa sobremaneira acautelar e defender.

O Salgado de Aveiro engloba 268 marinhas, das quais 35 são exploradas por conta própria e as restantes em regime de parceria.

O tradicional sistema de exploração das marinhas por parceria, baseado numa distribuição de despesas acordada entre as partes e na divisão meeira do resultado da venda do sal, manteve-se através de gerações sucessivas, dentro de um clima salutar de harmonia e compreensão entre os interessados, dada a flagrante justiça e equidade de que se revestia o regime contratual.

Contudo, a rarefacção e consequente valorização da mão de obra assalariada utilizada na exploração salineira, cujo encargo, por força do contrato de parceria, cabe ao marnoto, ameaçam romper este salutar equilíbrio, em face do imobilismo das condições contratuais, determinando uma diminuição sensível das receitas do marnoto e colocando esta classe numa angustiosa situação económica, com profundos reflexos sociais e até políticos, em todo o Salgado.

Do estudo económico efectuado em 1966 pela Comissão Técnica Re-

Continua na página três

ÚLTIMO «ADEUS» À «NINFA»

SONETILHO DE CUCA

Saiu em boa paz, e sem barulho,
a «Maria da Fonte» assinalada,
em ternas *«gazetilhas» tão cantada!...*
Tardou, mas arrincou: lá foi no embrulho!

Aquel' rico «filão» já se acabou
— inspirador do chiste *e da* bravata*!...*
Despediu-se à francesa, a «Ninfa» ingrata:
nem adeus disse a quem tanto a... cantou!

Bem haja quem mandou que a Fantasia
largasse o pedestal em que jazia!
Cantemos: De profundis! Responsorum!

P'ra gáudio de «mirones» e «profanos»,
que Plutão a conserve em seus arcanos
até Per ómnia sécula seculorum!...

Problemas do nosso Salgado

Continuação da primeira página

gional do Distrito de Aveiro, concluía-se que enquanto o preço de custo completo da tonelada de sal para o marnoto oscilava, na altura, entre um mínimo de 357$00 e um máximo de 477$00, o mesmo preço, para o proprietário, variava entre um mínimo de 230$00 e um máximo de 310$00, na hipótese de a remuneração do marnoto ser idêntica à do encarregado, na forma de exploração por conta própria — variável entre 13 875$00 e 17 850$00.

Os diferenciais que se notam entre os preços de custo do marnoto e do proprietário traduziam a disparidade que então já se verificava na repartição das despesas e receitas de exploração salineira, estabelecida pelo contrato da parceria vigente no salgado.

De então para cá tal disparidade tem-se acentuado, em resultado do agravamento dos salários pagos aos moços, que evidenciam um acréscimo mínimo de 20 %, em relação ao nível atingido em 1966.

Em relação ao «ano médio» em 1966, que traduz as condições económicas da produção, ao custo dos factores, verificado na safra de 1966, na hipótese de uma produção média de 58 468 T. (média da produção de 12 anos: 1954-1966), antevê-se um agravamento nítido da situação do marnoto, a partir da ponderação dos seguintes dados referentes à última safra.

QUADRO I

Sal produzido	Em ton.	Em %
Produção média em 1966 (média de 1954-1966)	58.468	100
Produção prevista para a safra de 1969	40.000	68

QUADRO II

Encargos de Mão de Obra por tonelada de sal produzido	Em Esc.	Em %
Ano médio em 1966	89$14	100
Safra de 1969	154$00	173

QUADRO III
Evolução das Receitas dos Marnotos
(por amostragem)

	Ano médio em 1966	Safra de 1969
N.º de marinhas inquiridas	181	181
Despesa global c/ moços	3.758.900$00	4.510.700$00
Despesa média c/ moços por marinha	20.767$00	23.816$00
Toneladas de sal produzido	42.167	28.674
Receita global dos marnotos	6.008.797$50	4.731.210$00
Receita bruta média por marnoto	33.198$00	26.139$00
Receita bruta média por marnoto diminuída dos encargos de mão de obra c/ moços	12.430$00	1.218$00

O agravamento da situação económica do marnoto, que a análise destes quadros deixa transparecer, não admite soluções que visem apenas o aumento do preço do produto, dentro da actual rigidez do sistema de parceria.

Realmente, para assegurar por esta única via uma remuneração conveniente do marnoto, iríamos aumentar os benefícios do proprietário e criar um desiquilíbrio mais acentuado na repartição de encargos e receitas inerentes à actual forma de exploração.

No inquérito directo realizado em 1966, ao pretender-se estudar a forma de remuneração dos marnotos, a partir da revisão do contrato de parceria, apurou-se o seguinte:

— 86 % dos marnotos inquiridos declararam preferir uma remuneração fixa.

— 10 % dos inquiridos declararam preferir uma remunearção variável com a safra, com um mínimo garantido.

— 4 % não se manifestaram.

Entretanto, a receita bruta dos marnotos desce de 20 100$00, em 1964, para 12 400$00, em 1966, considerando-se, nos dois casos, a hipótese de a produção se referir a um «ano médio» — média das produção das safras de 1954 a 1966; o encargo de mão de obra com moços, por marinha, evoluiu, na mesma hipótese, em sentido inverso, de 13 100$00, em 1964, a 20 800$00, em 1966.

Os dados que dispomos referentes à safra de 1969, na hipótese prevista de uma produção de 40 000 T. — equivalente a 68 % da média de produções registadas em 1954-1966 — tornam este quadro acentuadamente mais sombrio:

A receita dos marnotos desce a 1 218$00, enquanto a remuneração dos moços se fixa em 23 816$00.

Do relatório elaborado pela Comissão Técnica Regional de Aveiro transcrevemos a passagem que se segue, que se nos afigura com aguda actualidade:

«A dependência evidenciada entre a receita do marnoto e os encargos de mão de obra com moços torna as condições contratuais da forma de exploração por parceria progressivamente mais favoráveis ao marnoto, colocando a sua actual remuneração abaixo do nível do vencimento auferido pelos moços numa safra, o que não deixa de traduzir uma autêntica inversão na escala social da actividade salineira e uma flagrante e clamorosa injustiça para esta classe trabalhadora de que depende, em última instância, a sobrevivência do Salgado de Aveiro, como realidade económico-social».

25/1/970

CARLOS DA MAIA

A U.C.I.D.T. em Aveiro

Continua na penúltima página

clima de diálogo na comunidade viva que é a empresa e até entre os vários centros de operações e trocas — mero reconhecimento da necessidade de compreender os problemas de cada um.

Por outro lado, analisaram-se detidamente os meios de apreciar a vitalidade da empresa: o balanço, que apenas nos fornece uma fotografia do seu estado, em certo momento; a conta de ganhos e perdas, que localiza já os sectores de trabalho com resultados positivos ou negativos; e, finalmente, o valor acrescentado, que mede rigorosamente a sua contribuição para a riqueza do país. O conceito de valor ascrescentado, sendo relativamente recente, é fundamental na apreciação da vitalidade da empresa — tão fundamental que, sendo produto da análise económica dos «horrorosos capitalistas», os dirigentes de Leste não se dispensam já de o utilizar. Entre nós, os inquéritos da conjuntura têm em conta diversos indicadores do valor acrescentando, relativos às receitas brutas, ao total dos fornecimentos, aos salários e respectivos encargos sociais, às despesas fiscais e à remuneração do capital. Conceito derivado deste é o de valor acrescentado por cabeça, verdadeiro termómetro que permite avaliar da saúde da empresa.

Os industriais e dirigentes do trabalho que assistiram a este colóquio mostraram o seu interesse pelos temas abordados, no debate que se lhe seguiu — debate que revelou não apenas o interesse mas também a consciência — e consciência esclarecida — dos problemas tratados, por parte de quem nele tomou intervenção.

Ao presente encontro vão seguir-se novos colóquios, a efectuar na terceira terça-feira de cada mês, alternando-se palestras e estudos de casos práticos.

Aveiro está, portanto, de parabéns: a U. C. I. D. T. trouxe-lhe precioso enriquecimento humano e Aveiro soube aceitá-lo.

DUARTE RODRIGUES

PROBLEMAS DE AVEIRO NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Na sessão da Assembleia Nacional realizada na quarta-feira, o deputado pelo Círculo de Aveiro sr. Dr. Manuel Soares teve a sua primeira intervenção no hemiciclo de S. Bento.

Em comunicação breve, mas objectiva, abordou alguns dos principais problemas da nossa região: porto de Aveiro; expansão da cidade e seus acessos; estrada-dique de Aveiro à Murtosa; e desenvolvimento turístico da região da Ria.

HOMENAGEM A ABEL RESENDE

Na próxima segunda-feira, 2 de Fevereiro, no decurso de um jantar regional, na «Adega do Evaristo», vai ser prestada homenagem a Abel Resende pelos homens que, em Aveiro, trabalham para os jornais: Imprensa local, diária e desportiva.

Profissional de fotografia há 42 anos, Abel Resende radicou-se em Aveiro há mais de duas décadas, sempre revelando dedicação inultrapassável por quantos têm a missão de informar, colocando ao seu serviço as suas qualidades de repórter fotográfico, oportuno, incansável e prestimoso.

Justa, portanto, a todos os títulos, esta homenagem a Abel Resende, dedicado colaborador do «Litoral», que sempre tem honrado com a sua amizade e os seus valiosos trabalhos.

66.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE DOS GALITOS

No sábado, dia 24 — data em que justamente se completavam 66 anos da sua existência gloriosa —, o Clube dos Galitos, conforme anunciámos, promoveu uma visita da Imprensa de Aveiro aos trabalhos da sua nova sede.

Foi apresentado o ante-programa das comemorações do 66.º aniversário e da inauguração da nova sede — previstas para meados deste ano (tudo dependendo do êxito da campanha de angariação de fundos que, em breve, irá incentivar-se).

Na impossibilidade de, neste número, darmos notícia mais circunstanciada daquela cerimónia, esperamos fazê-lo na próxima semana.

OPERAÇÃO «STOP»

Através da Secção de Espinho e dos postos de S. João da Madeira e Ílhavo, o Comando de Aveiro da P. S. P. promoveu uma Operação «Stop» em que foram fiscalizadas 2 219 viaturas — 331 auto-pesados; 1 322 auto-ligeiros; e 566 velocípedes, com e sem motor.

Foram levantados 29 autos de transgressão, por infracções diversas.

NOTICIÁRIO RELIGIOSO

— Festa da Apresentação do Senhor

Na igreja paroquial da Vera-Cruz, vai realizar-se na segunda-feira, dia 2 de Fevereiro, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Purificação, agora, segundo a nova reforma litúrgica, chamada solenidade da Apresentação do Senhor.

Presidirá o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro, realizando-se as seguintes cerimónias, a partir das 17.30 horas:

— Bênção e procissão de velas; missa concelebrada, sob presidência do Prelado da Diocese, que fará a homília; exposição do Santíssimo, oração e bênção.

— «Procissão das Cinzas»

Informação da Mesa Directora da Venerável Ordem Terceira

Os Membros da Mesa Directora da Fraternidade da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da cidade de Aveiro, em sua reunião do passado dia 19, após séria reflexão humana e cristã, decidiram não se realizar, este ano, a «Procissão das Cinzas».

Foi reconhecido, por todos, ser pràticamente impossível organizar-se a procissão com um mínimo de decência, respeito e dignidade; a «Procissão das Cinzas» deve ser uma procissão de penitência e todos quantos nela tomam parte devem ir animados de sentimentos de fé e de arrependimento, preparando assim uma vivência consciente do tempo santo da Quaresma.

Para que todos possam cumprir as suas promessas, as imagens, que costumam ir na procissão, serão expostas na quarta-feira de cinzas e no primeiro domingo da Quaresma, durante todo o dia, na igreja de Santo António (junto ao quartel do R. I. 10).

FALSO ALARME... DO ALARME DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Em consequência de deficiência técnica do sistema de alarme instalado no novo prédio do Banco Português do Atlântico, a P. S. P. foi alarmada, cerca das 19 horas da passada quarta-feira, e prontamente fez deslocar para o local viaturas e agentes — que atrairam a atenção de muito público, já que o «caso» ocorreu em zona central da cidade, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, e em hora de movimento.

Criou-se grande «suspense», mas tudo ràpidamente se esclareceu: tratava-se de um falso alarme... do alarme!

POSSE DO NOVO DIRECTOR CLÍNICO DO HOSPITAL

Com a assistência do sr. Governador Civil, realiza-se hoje, pelas 16 horas, no salão nobre do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, a posse do novo Director Clínico, sr. Dr. Manuel Marques da Silva Soares, e dos membros que vão compor o Conselho Técnico, criado pelo Estatuto Hospitalar, Decreto n.º 48 357, de 27 de Abril de 1968.

Câmara Municipal de Aveiro

CONCURSO

Dr. Alberto de Sousa Ferreira Neves, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 19 do corrente mês deliberou abrir novamente concurso para a empreitada de «Arranjo do Mercado de José Estêvão, para Implantação da Central Compressora, do Saneamento da Cidade de Aveiro», com o aumento de 2% sobre a primeira base de licitação, em virtude de se considerar deserto o anterior, cujo Programa do Concurso e Caderno de Encargos podem ser examinados nos Serviços de Urbanização e Obras do Município, dentro das horas normais de serviço.

BASE DE LICITAÇÃO . . 283 182$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO . 7 079$55

As propostas, encerradas em sobrescritos lacrados, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais, deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, à Secretaria da Câmara Municipal, até às 14 horas e 30 minutos do dia 23 de Fevereiro próximo.

Paços do Concelho de Aveiro, 27 de Janeiro de 1970

O Vice-Presidente da Câmara,

Dr. Alberto de Sousa Ferreira Neves

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

COSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO

No dia 23, na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, entre esta e o sr. Dr. Paulo Catarino, em representação dos respectivos proprietários, foi celebrado o contrato pelo qual a Fundação vai adquirir, pela importância de 800 contos, os terrenos que confrontam com a Avenida de Artur Ravara, para alargamento dos edifícios onde funciona o Conservatório Regional de Aveiro.

Segundo consta, projecta a benemérita Fundação construir ali um auditório e outras dependências para utilização do Conservatório Regional — o que valorizará sobremaneira o prestigioso estabelecimento de ensino e, implicitamente, a cidade.

REUNIÃO DANÇANTE

No próximo sábado, 7 de Fevereiro, à noite, a Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» realizará, no salão nobre e no palco do «Teatro Aveirense», o tradicional *baile carnavalesco* dedicado aos sócios e famílias da benemérita instituição.

O CARNAVAL DO «RAMONA TEAM» VAI SER SUCESSO!

Numa época em que os empresários, por via de regra, procuram manter elencos artísticos para modestos espectáculos em busca de uma economia que lhes permita fazer face, mais desafogadamente, às inevitáveis despesas, o Comité Folião do «Ramona Team», sem olhar a encargos e com a colaboração de toda a juventude aveirense, vai promover no dia 7 de Fevereiro, na Assembleia da Barra, o seu já tão discutido e divulgado Carnaval de 1970.

Este simples enunciado funciona como nota de apreço, pois não vale a pena adjectivar organizações desta envergadura que o público sobejamente conhece, aprecia e aplaude.

Referências especiais, porém, são devidas aos KZAR'S — justamente considerados dos mais representativos conjuntos musicais portugueses, em que a arte de bem tocar se casa maravilhosamente com o recorte modernista dos temas musicais apresentados, e à famosa equipa de «Bar-Men», de origem marroquina, que, a expensas suas, se desloca propositadamente à Assembleia para deliciar especialidades em batidos de chantili com sabor tropical, sumos específicos, farinhas Maizena e «copos de 3» repletos...

Se somarmos a tudo isto a presença constante de fantasia, serpentinas, pandeiretas, comestíveis, papelinhos e reco-reco, além de divertidíssimas surpresas, reconhecemos, sem esforço, o inegável mérito deste Carnaval Ramoneano.

Ao seguir esta linha de rumo em matéria de organizações sócio-económicas, o «Ramona Team» coloca-se assim a par dos seus fabulosos congéneres europeus e sul-americanos.

A Comissão lembra, ainda: que você, gentil senhora, cujos dotes de culinária são tão apreciados, deve levar melhor farnel do que a sua vizinha, sempre tão invejosa; e que você, prezado folião, deve levar uma garrafa do precioso néctar em virtude do salão não ter aquecimento.

Não falte, pois, a este inconfundível e único Carnaval com a garantia R. T. e habilite-se ao sorteio dum monumental «frango de aviário».

Qualquer dúvida pode ser esclarecida no Café Tangará, ou pelo telef. 23121, todos os dias úteis, das 18 às 24 horas.

...ADECIMENTO

...*imento*, funcionário da J. A. P. A., ... agradecer a todas as pessoas que, ...te de que foi vítima, o visitaram ...da Vera-Cruz e na sua residência, ...telefònicamente, procuraram saber ... — não esquecendo o sr. Arménio ...posa, que foram de uma atenção e ...

...ro de 1970

...ADECIMENTO

...*de Ferreira*, vem, por este meio, agra...ecida, a todas as pessoas que tive... se informar do seu estado de saúde ...ença.

...A DE SUFRÁGIO

...*Henrique Pinho de Almeida* participa ...das suas relações que, pelas 19 horas ...de Fevereiro, manda celebrar, na Sé ...or intenção do saudoso extinto, agra...a presença de todas as pessoas que ...parecer ao piedoso acto.

Sob o signo do mau tempo

Continuação da primeira página

pertinente. Como somos ingratos e exigentes! Se pensássemos mais nos outros... Que arrepio de consciência me veio ao dar conta do meu egoísmo, do egoísmo de nós todos afinal...

Não é que não haja quem tenha sido mais bafejado pela sorte do que eu... Trabalhei muito, estou velha, e continuo a lutar para subsistir. Mas que direito me assiste para me impacientar? Tenho tudo o que é indispensável à vida: um bocadinho de conforto; lume para me aquecer; carinho da família, bons amigos, uma cama confortável para repousar... Que mais é preciso, materialmente? Se todos os que têm de mais pensassem a sério nos que têm de menos ou não têm nada, como o mundo poderia ser melhor! Por que, afinal, o que nos faz querer mais de certa altura em diante não é pròpriamente a necessidade de qualquer coisa, mas o desejo que nos vem da comparação que fazemos com os que têm mais que nós. Eu tenho uma casa aceitável. Não é luxuosa, mas também não é feia. Contudo, quando vou a casa de alguns amigos que possuem objectos de arte, quadros de autor, tapetes persas, móveis assinados, etc., e vejo pessoas com 3 e 4 casas de praia, campo, quintas bonitas, bons carros e motoristas para os conduzir que os livram das bichas dos autocarros ou mesmo do suplício de esperar a pé quedo um taxi salvador, que viajam quando lhes apetece, etc., momentâneamente, num ¼ de minuto, sinto-me quase infeliz por não poder aliviar a carga de trabalhos e preocupações que me caiem em cima obrigando-me contìnuamente a deitar contas às despesas (modestas) para não exceder as receitas, sujeitar-me ao frio e à chuva para apanhar um transporte e contentar-me com umas escassas saídas para o estrangeiro gostando tanto de o fazer. Mas se em vez de olhar para cima olhar para baixo, vejo-me logo milionária, com destino privilegiado, uma felizarda! É verdade. Faz-nos bem, nós que temos alguma coisa, atentar nos que têm menos, para nos compenetrar-mos do muito que possuimos e nos sentirmos felizes com a chuva, o vento, e as maçadas do dia-a-dia, suaves, no fim de contas... Que alegria e felicidade íntima eu sinto com a minha medíocre situação e quantas graças por ela dou à Providência lembrando-me do nada total e positivo em que vive (ou, antes, morre) ainda tanta gente à superfície da terra! Se todos aplicássemos as energias e o tempo que consumimos a lamentar-nos e desejar mais, melhorando a sorte dos que precisam, talvez tudo caminhasse melhor.

Fui uma sensaborona, não fui? Desculpem. Continua a chover, e a chuva diminui-me as poucas faculdades que tenho.

CAROLINA HOMEM CHRISTO

Marco relevante na nossa urbanização

Continuação da primeira página

Dr. Alberto Ferreira Neves, que logo começou por abordar o assunto dominante da ordem do dia: o *edifício-torre*. Aberta a praça, surgiram dois pretendentes: o sr. João Nunes da Rocha, de Aveiro, e o sr. António Feliciano de Sousa, do Porto. A adjudicação cedo viria a ser feita ao dinâmico industrial aveirense, à razão de seis contos por metro quadrado.

E o facto — em si, de rotina — certamente virá a constituir um relevante marco no historial urbanístico citadino: é que o conceituado industrial sr. João Nunes da Rocha, visivelmente satisfeito, logo ali revelou o vivo propósito de dar por concluída tão importante obra em prazo que não excederá cinco anos,... metade, portanto, do período de tempo contratual estipulado para o efeito — propósito este que veio causar compreensível regozijo nas gentes de Aveiro.

E o certo é que, no sentido de reduzir ao mínimo o tempo para a execução de tão magno empreendimento, o sr. João Nunes da Rocha se deslocou ao Porto, logo no dia imediato, a fim de entrar em entendimento com o reputado Arq.º sr. Fernando Távora, que fora o autor do anteprojecto daquele edifício.

O sr. João Nunes da Rocha — proprietário das «Fábricas Bom-Sucesso» e profissional da construção — é pessoa que arrojadamente se tem lançado na execução de inúmeros e importantes trabalhos (quer na Metrópole, quer, ainda, no Ultramar português), pessoa activa, sempre empenhada em fazer mais e melhor. E, como corolário desta nossa afirmação, podemos informar igualmente que aquele industrial intenta iniciar em breve a construção de um prédio de 6 andares, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, junto às novas e funcionais instalações do Banco Português do Atlântico. Com essa finanidade, na última terça-feira, fez dar entrada, nos serviços competentes da Câmara Municipal, do projecto do edifício: trata-se de prédio com características inéditas entre nós, que terá uma *galeria comercial* a atravessá-lo, desde a avenida até à rua marginal da Ria — como que um arruamento, totalmente destinado a estabelecimentos comerciais no rés-do-chão e no primeiro andar. E, como complemento desta notícia, esclarecemos ainda que o sr. João Nunes da Rocha utilizará nestes empreendimentos um novo produto de seu fabrico — liga de aglomerado de madeira com cimento — que tem, entre outras, a vantagem de tornar mais leves as construções e de um isolamento mais eficiente do que o proporcionado pelos materiais tradicionalmente utilizados.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca, e nos autos de execução sumária que o exequente Alfredo do Sameiro Pereira Bacelar Alves, casado, gerente industrial, residente na Rua de Jaime Moniz, em Aveiro, move à executada António Pereira Ramos & Filhos, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua do Comandante Rocha e Cunha, cento e dezoito, em Aveiro, correm éditos de vinte dias, que começam a ser contados após a segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem à mencionada execução reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 15 de Janeiro de 1970

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

O Escrivão,
Luís Ferreira

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	M. CALADO
Domingo	AVENIDA
2.ª feira	SAÚDE
3.ª feira	OUDINOT
4.ª feira	NETO
5.ª feira	MOURA
6.ª feira	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PROBLEMAS DE AVEIRO NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Na sessão da Assembleia Nacional realizada na quarta-feira, o deputado pelo Círculo de Aveiro sr. Dr. Manuel Soares teve a sua primeira intervenção no hemiciclo de S. Bento.

Em comunicação breve, mas objectiva, abordou alguns dos principais problemas da nossa região: porto de Aveiro; expansão da cidade e seus acessos; estrada-dique de Aveiro à Murtosa; e desenvolvimento turístico da região da Ria.

HOMENAGEM A ABEL RESENDE

Na próxima segunda-feira, 2 de Fevereiro, no decurso de um jantar regional, na «Adega do Evaristo», vai ser prestada homenagem a Abel Resende pelos homens que, em Aveiro, trabalham para os jornais: Imprensa local, diária e desportiva.

Profissional de fotografia há 42 anos, Abel Resende radicou-se em Aveiro há mais de duas décadas, sempre revelando dedicação inultrapassável por quantos têm a missão de informar, colocando ao seu serviço as suas qualidades de repórter fotográfico, oportuno, incansável e prestimoso.

Justa, portanto, a todos os títulos, esta homenagem a Abel Resende, dedicado colaborador do «Litoral», que sempre tem honrado com a sua amizade e os seus valiosos trabalhos.

66.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE DOS GALITOS

No sábado, dia 24 — data em que justamente se completavam 66 anos da sua existência gloriosa —, o Clube dos Galitos, conforme anunciámos, promoveu uma visita da Imprensa de Aveiro aos trabalhos da sua nova sede.

Foi apresentado o ante-programa das comemorações do 66.º aniversário e da inauguração da nova sede — previstas para meados deste ano (tudo dependendo do êxito da campanha de angariação de fundos que, em breve, irá incentivar-se).

Na impossibilidade de, neste número, darmos notícia mais circunstanciada daquela cerimónia, esperamos fazê-lo na próxima semana.

OPERAÇÃO «STOP»

Através da Secção de Espinho e dos postos de S. João da Madeira e Ílhavo, o Comando de Aveiro da P. S. P. promoveu uma Operação «Stop» em que foram fiscalizadas 2 219 viaturas — 331 auto-pesados; 1 322 auto-ligeiros; e 566 velocípedes, com e sem motor.

Foram levantados 29 autos de transgressão, por infracções diversas.

NOTICIÁRIO RELIGIOSO

— Festa da Apresentação do Senhor

Na igreja paroquial da Vera-Cruz, vai realizar-se na segunda-feira, dia 2 de Fevereiro, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Purificação, agora, segundo a nova reforma litúrgica, chamada solenidade da Apresentação do Senhor.

Presidirá o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro, realizando-se as seguintes cerimónias, a partir das 17.30 horas:

— Bênção e procissão de velas; missa concelebrada, sob presidência do Prelado da Diocese, que fará a homília; exposição do Santíssimo, oração e bênção.

— «Procissão das Cinzas»

Informação da Mesa Directora da Venerável Ordem Terceira

Os Membros da Mesa Directora da Fraternidade da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, da cidade de Aveiro, em sua reunião do passado dia 19, após séria reflexão humana e cristã, decidiram não se realizar, este ano, a «Procissão das Cinzas».

Foi reconhecido, por todos, ser pràticamente impossível organizar-se a procissão com um mínimo de decência, respeito e dignidade; a «Procissão das Cinzas» deve ser uma procissão de penitência e todos quantos nela tomam parte devem ir animados de sentimentos de fé e de arrependimento, preparando assim uma vivência consciente do tempo santo da Quaresma.

Para que todos possam cumprir as suas promessas, as imagens, que costumam ir na procissão, serão expostas na quarta-feira de cinzas e no primeiro domingo da Quaresma, durante todo o dia, na igreja de Santo António (junto ao quartel do R. I. 10).

FALSO ALARME... DO ALARME DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Em consequência de deficiência técnica do sistema de alarme instalado no novo prédio do Banco Português do Atlântico, a P. S. P. foi alarmada, cerca das 19 horas da passada quarta-feira, e prontamente fez deslocar para o local viaturas e agentes — que atraíram a atenção de muito público, já que o «caso» ocorreu em zona central da cidade, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, e em hora de movimento.

Criou-se grande «suspense», mas tudo ràpidamente se esclareceu: tratava-se de um falso alarme... do alarme!

POSSE DO NOVO DIRECTOR CLÍNICO DO HOSPITAL

Com a assistência do sr. Governador Civil, realiza-se hoje, pelas 16 horas, no salão nobre do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, a posse do novo Director Clínico, sr. Dr. Manuel Marques da Silva Soares, e dos membros que vão compor o Conselho Técnico, criado pelo Estatuto Hospitalar, Decreto n.º 48 357, de 27 de Abril de 1968.

COSERVATÓRIO REGIONAL DE AVEIRO

No dia 23, na sede da Fundação Calouste Gulbenkian, entre esta e o sr. Dr. Paulo Catarino, em representação dos respectivos proprietários, foi celebrado o contrato pelo qual a Fundação vai adquirir, pela importância de 800 contos, os terrenos que confrontam com a Avenida de Artur Ravara, para alargamento dos edifícios onde funciona o Conservatório Regional de Aveiro.

Segundo consta, projecta a benemérita Fundação construir ali um auditório e outras dependências para utilização do Conservatório Regional — o que valorizará sobremaneira o prestigioso estabelecimento de ensino e, implicitamente, a cidade.

REUNIÃO DANÇANTE

No próximo sábado, 7 de Fevereiro, à noite, a Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» realizará, no salão nobre e no palco do «Teatro Aveirense», o tradicional *baile carnavalesco* dedicado aos sócios e famílias da benemérita instituição.

VIAJANTE

Com carta de condução, para trabalhar em Aveiro e arredores, precisa-se, de preferência com prática.

Resposta por escrito ao n.º 169.

«REPULSA»

Eis a crítica do jornal «Diário de Notícias» ao filme «REPULSA», o melhor filme de Polansky, que o AVENIDA exibe na próxima 4.ª-feira, 4:

«Repulsa» — Compreende-se que a protagonista deste filme o tenha considerado o mais difícil e excitante de quantos até hoje interpretou. *Polansky,* o famoso realizador polaco, de novo em foco pelas razões de todos conhecidas, não poderia realmente ter encontrado artista que melhor pudesse corresponder aos seus objectivos: uma mulher com cara de anjo, de uma beleza física atraente, sensual, capaz de nos dar, num segundo, ao mesmo tempo, o ar mais virginal do mundo e sugestões de uma paixão diabólica.

Carol é uma jovem mal preparada para a vida. Fechada para consigo mesma, para com os outros, indiferente ao mundo em que vive. No seu cérebro ocultam-se mil e um pensamentos que ela não sabe, não pode ou não quer revelar. A sua vida, partilhada entre o emprego e a casa onde vive com a irmã, não tem história. Pelo menos a história que todas as jovens de hoje têm para contar às amigas mais íntimas. Mas dentro dela arde secretamente uma paixão louca, que a trai de quando em quando, que a sufoca, que a torna ausente, distante da realidade. Não vê mais ninguém em seu redor. E esse sofrimento atroz, prisioneiro do seu eu, arrasta-a para o desiquilíbrio total, para o crime, para a morte.

Polansky, se não nos tivesse já dado provas insofismáveis do seu incomparável valor, *teria com esta obra conquistado a glória da difícil arte de construir cinema. A sua câmara não gasta um milímetro de filme mal gasto. Repara em tudo, vê tudo, conta tudo. É cinema audacioso e sério.* Por vezes, num ou noutro pormenor, perturbante, obrigando o espectador a encolher-se no seu lugar. O que revela o conhecimento profundo que Polansky possui da força do impacto das situações por ele criadas junto da multidão.

Catherine Deneuve é extraordinária no seu difícil papel. Ian Hendry, Jhon Fraser, Yvonne Fourneaux e Renée Houston não destoam.

O filme foi galardoado com o Urso de Prata no Festival de Berlim e com o Prémio da Crítica do Festival de Veneza.

Câmara Municipal de Aveiro

CONCURSO

Dr. Alberto de Sousa Ferreira Neves, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 19 do corrente mês deliberou abrir novamente concurso para a empreitada de «Arranjo do Mercado de José Estêvão, para Implantação da Central Compressora, do Saneamento da Cidade de Aveiro», com o aumento de 2% sobre a primeira base de licitação, em virtude de se considerar deserto o anterior, cujo Programa do Concurso e Caderno de Encargos podem ser examinados nos Serviços de Urbanização e Obras do Município, dentro das horas normais de serviço.

BASE DE LICITAÇÃO . . 283 182$00
DEPÓSITO PROVISÓRIO . 7 079$53

As propostas, encerradas em sobrescritos lacrados, acompanhadas da guia comprovativa do depósito efectuado e outros documentos legais, deverão ser enviadas pelo correio, sob registo, à Secretaria da Câmara Municipal, até às 14 horas e 30 minutos do dia 23 de Fevereiro próximo.

Paços do Concelho de Aveiro, 27 de Janeiro de 1970

O Vice-Presidente da Câmara,

Dr. Alberto de Sousa Ferreira Neves

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

O CARNAVAL DO «RAMONA TEAM» VAI SER SUCESSO!

Numa época em que os empresários, por via de regra, procuram manter elencos artísticos para modestos espectáculos em busca de uma economia que lhes permita fazer face, mais desafogadamente, às inevitáveis despesas, o Comité Folião do «Ramona Team», sem olhar a encargos e com a colaboração de toda a juventude aveirense, vai promover no dia 7 de Fevereiro, na Assembleia da Barra, o seu já tão discutido e divulgado Carnaval de 1970.

Este simples enunciado funciona como nota de apreço, pois não vale a pena adjectivar organizações desta envergadura que o público sobejamente conhece, aprecia e aplaude.

Referências especiais, porém, são devidas aos KZAR'S — justamente considerados dos mais representativos conjuntos musicais portugueses, em que a arte de bem tocar se casa maravilhosamente com o recorte modernista dos temas musicais apresentados, e à famosa equipa de «Bar-Men», de origem marroquina, que, a expensas suas, se desloca propositadamente à Assembleia para deliciar especialidades em batidos de chantili com sabor tropical, sumos específicos, farinhas Maizena e «copos de 3» repletos...

Se somarmos a tudo isto a presença constante de fantasia, serpentinas, pandeiretas, comestíveis, papelinhos e reco-reco, além de divertidíssimas surpresas, reconhecemos, sem esforço, o inegável mérito deste Carnaval Ramoneano.

Ao seguir esta linha de rumo em matéria de organizações sócio-económicas, o «Ramona Team» coloca-se assim a par dos seus fabulosos congéneres europeus e sul-americanos.

A Comissão lembra, ainda: que você, gentil senhora, cujos dotes de culinária são tão apreciados, deve levar melhor farnel do que a sua vizinha, sempre tão invejosa; e que você, prezado folião, deve levar uma garrafa do precioso néctar em virtude do salão não ter aquecimento.

Não falte, pois, a este inconfundível e único Carnaval com a garantia R. T. e habilite-se ao sorteio dum monumental «frango de aviário».

Qualquer dúvida pode ser esclarecida no Café Tangará, ou pelo telef. 23121, todos os dias úteis, das 18 às 24 horas.

...ADECIMENTO

...imento, funcionário da J. A. P. A., ...agradecer a todas as pessoas que, ...te de que foi vítima, o visitaram ...da Vera-Cruz e na sua residência, ...telefònicamente, procuraram saber ... — não esquecendo o sr. Arménio ...posa, que foram de uma atenção e ...

...ro de 1970

...ADECIMENTO

...de Ferreira, vem, por este meio, agra... ...hecida, a todas as pessoas que tive... ...se informar do seu estado de saúde ...ença.

...A DE SUFRÁGIO

...Henrique Pinho de Almeida participa ...das suas relações que, pelas 19 horas ...de Fevereiro, manda celebrar, na Sé ...or intenção do saudoso extinto, agra... ...a presença de todas as pessoas que ...parecer ao piedoso acto.

Sob o signo do mau tempo

Continuação da primeira página

pertinente. Como somos ingratos e exigentes! Se pensássemos mais nos outros... Que arrepio de consciência me veio ao dar conta do meu egoísmo, do egoísmo de nós todos afinal...

Não é que não haja quem tenha sido mais bafejado pela sorte do que eu... Trabalhei muito, estou velha, e continuo a lutar para subsistir. Mas que direito me assiste para me impacientar? Tenho tudo o que é indispensável à vida: um bocadinho de conforto; lume para me aquecer; carinho da família, bons amigos, uma cama confortável para repousar... Que mais é preciso, materialmente? Se todos os que têm de mais pensassem a sério nos que têm de menos ou não têm nada, como o mundo poderia ser melhor! Por que, afinal, o que nos faz querer mais de certa altura em diante não é pròpriamente a necessidade de qualquer coisa, mas o desejo que nos vem da comparação que fazemos com os que têm mais que nós. Eu tenho uma casa aceitável. Não é luxuosa, mas também não é feia. Contudo, quando vou a casa de alguns amigos que possuem objectos de arte, quadros de autor, tapetes persas, móveis assinados, etc., e vejo pessoas com 3 e 4 casas de praia, campo, quintas bonitas, bons carros e motoristas para os conduzir que os livram das bichas dos autocarros ou mesmo do suplício de esperar a pé quedo um taxi salvador, que viajam quando lhes apetece, etc., momentâneamente, num ¼ de minuto, sinto-me quase infeliz por não poder aliviar a carga de trabalhos e preocupações que me caiem em cima obrigando-me continuamente a deitar contas às despesas (modestas) para não exceder as receitas, sujeitar-me ao frio e à chuva para apanhar um transporte e contentar-me com umas escassas saídas para o estrangeiro gostando tanto de o fazer. Mas se em vez de olhar para cima olhar para baixo, vejo-me logo milionária, com destino privilegiado, uma felizarda! É verdade. Faz-nos bem, nós que temos alguma coisa, atentar nos que têm menos, para nos compenetrar-mos do muito que possuimos e nos sentirmos felizes com a chuva, o vento, e as maçadas do dia-a-dia, suaves, no fim de contas... Que alegria e felicidade íntima eu sinto com a minha medíocre situação e quantas graças por ela dou à Providência lembrando-me do nada total e positivo em que vive (ou, antes, morre) ainda tanta gente à superfície da terra! Se todos aplicássemos as energias e o tempo que consumimos a lamentar-nos e desejar mais, melhorando a sorte dos que precisam, talvez tudo caminhasse melhor.

Fui uma sensaborona, não fui? Desculpem. Continua a chover, e a chuva diminui-me as poucas faculdades que tenho.

CAROLINA HOMEM CHRISTO

Marco relevante na nossa urbanização

Continuação da primeira página

Dr. Alberto Ferreira Neves, que logo começou por abordar o assunto dominante da ordem do dia: o *edifício-torre.* Aberta a praça, surgiram dois pretendentes: o sr. João Nunes da Rocha, de Aveiro, e o sr. António Feliciano de Sousa, do Porto. A adjudicação cedo viria a ser feita ao dinâmico industrial aveirense, à razão de seis contos por metro quadrado.

E o facto — em si, de rotina — certamente virá a constituir um relevante marco no historial urbanístico citadino: é que o conceituado industrial sr. João Nunes da Rocha, visivelmente satisfeito, logo ali revelou o vivo propósito de dar por concluída tão importante obra em prazo que não excederá cinco anos,... metade, portanto, do período de tempo contratual estipulado para o efeito — propósito este que veio causar compreensível regozijo nas gentes de Aveiro.

E o certo é que, no sentido de reduzir ao mínimo o tempo para a execução de tão magno empreendimento, o sr. João Nunes da Rocha se deslocou ao Porto, logo no dia imediato, a fim de entrar em entendimento com o reputado Arq.º sr. Fernando Távora, que fora o autor do anteprojecto daquele edifício.

O sr. João Nunes da Ro— proprietário das «Fábricas Bom-Sucesso» e profissional da construção — é pessoa que arrojadamente se tem lançado na execução de inúmeros e importantes trabalhos (quer na Metrópole, quer, ainda, no Ultramar português), pessoa activa, sempre empenhada em fazer mais e melhor. E, como corolário desta nossa afirmação, podemos informar igualmente que aquele industrial intenta iniciar em breve a construção de um prédio de 6 andares, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, junto às novas e funcionais instalações do Banco Português do Atlântico. Com essa finanidade, na última terça-feira, fez dar entrada, nos serviços competentes da Câmara Municipal, do projecto do edifício: trata-se de prédio com características inéditas entre nós, que terá uma *galeria comercial* a atravessá-lo, desde a avenida até à rua marginal da Ria — como que um arruamento, totalmente destinado a estabelecimentos comerciais no rés-do-chão e no primeiro andar. E, como complemento desta notícia, esclarecemos ainda que o sr. João Nunes da Rocha utilizará nestes empreendimentos um novo produto de seu fabrico — liga de aglomerado de madeira com cimento — que tem, entre outras, a vantagem de tornar mais leves as construções e de um isolamento mais eficiente do que o proporcionado pelos materiais tradicionalmente utilizados.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca, e nos autos de execução sumária que o exequente Alfredo do Sameiro Pereira Bacelar Alves, casado, gerente industrial, residente na Rua de Jaime Moniz, em Aveiro, move à executada António Pereira Ramos & Filhos, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua do Comandante Rocha e Cunha, cento e dezoito, em Aveiro, correm éditos de vinte dias, que começam a ser contados após a segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem à mencionada execução reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 15 de Janeiro de 1970

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

O Escrivão,
Luís Ferreira

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro

AVISO

Alargamento de Âmbito do Contrato Colectivo de Trabalho celebrado entre o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis e o Sindicato Nacional de Empregados em Garagens, Estações de Serviço e Stands de Automóveis e Ofícios Correlativos do Distrito de Aveiro.

No boletim do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência de 30 de Setembro de 1969, foi publicado o despacho ministerial, segundo o qual o contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio dos Indústriais de Transportes em Automóveis e os Sindicatos Nacionais de Empregados em Garagens, Estações de Serviço e Stands de Automóveis e Ofícios Correlativos dos Distritos em Lisboa, Porto, Aveiro e Braga, se tornou extensivo a todas as empresas que tenham ao seu serviço o «pessoal de movimento» referido na Cláusula 3.ª-A daquele contrato, *independentemente da actividade por elas exercida.*

A Cláusula 54.º, daquele contrato estabelece que as entidades patronais e pessoal ao seu serviço abrangidos pelo novo contrato passarão a descontar para a modalidade de «Sobrevivência».

Nesta conformidade, avisam-se todas as empresas contribuintes desta Caixa, que tenham ao seu serviço pessoal de qualquer umas das categorias referidas na cláusula 3.ª-A daquele contrato nomeadamente: Chefes de Estação, fiscais, bilheteiros - despachantes, ajudantes de despachantes, expedidores, aspirantes e praticantes, cobradores-bilheteiros, praticantes de cobrador bilheteiro e ajudantes de motorista, que, com efeito *a partir do dia 2 de Dezembro de 1969*, a percentagem das contribuições relativamente àquele pessoal, passará a ser de 23,5 °/₀ competindo à entidade patronal a percentagem de 17°/₀ e aos empregados a percentagem de 6,5°/₀.

Para este efeito deverão utilizar uma folha de ordenados e salários em separado, na qual deverão apôr a indicação «com Sobrevivência» na parte superior, podendo efectuar o pagamento das respectivas contribuições utilizando uma única guia de depósito, mencionando na rubrica «adicionais» o montante relativo à contribuição devida à taxa de 23,5°/₀ e na rubrica «Contribuições», o montante relativo à contribuição devida à taxa de 20,5°/₀.

Aveiro, Janeiro de 1970

A Direcção

Afonso Miguel de Figueiredo, L.da

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do concelho de Vagos, a cargo do notário, Licenciado António Joaquim Marques Tavares.

CERTIDÃO-NARRATIVA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de catorze de Janeiro de mil novecentos e setenta, exarada de folhas sessenta e seis a sessenta e oito, verso, do livro de notas para escrituras diversas, número quarenta e sete, foi constituída entre Afonso Miguel de Figueiredo, Maria Amélia Ferreira Delgado de Figueiredo e Fausto Vladimiro Cruz de Carvalho, todos residentes na cidade de Aveiro, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro: — A Sociedade adopta a firma *«Afonso Miguel de Figueiredo, Limitada»*, tem a sua sede e estabelecimento na Rua de Aires Barbosa, número noventa e três, na cidade de Aveiro, e durará por tempo indeterminado, iniciando-se hoje o seu exercício;

Segundo — O seu objecto é o comércio de bicicletas simples e motorizadas, veículos motorizados e seus acessórios, podendo no entanto estender a sua actividade a outros ramos de comércio ou indústria em que os sócios acordem e não seja necessária autorização especial;

Terceiro: — O capital social, integralmente realizado, é de dois milhões de escudos representado por três quotas distintas, uma de um milhão de escudos pertencente ao sócio Afonso Miguel de Figueiredo, outra de duzentos mil escudos pertencente à sócia Maria Amélia Ferreira Delgado de Figueiredo e outra de oitocentos mil escudos pertencente ao sócio Fausto Vladimiro Cruz de Carvalho;

Quarto: — É livremente permitida entre os sócios ou entre os seus herdeiros a cessão e divisão de quotas no todo ou em parte. É igualmente permitida, livremente, a divisão e cessão de quotas a estranhos à sociedade, mas, neste caso, esta reserva o direito de preferência e não querendo ou não podendo exercê-lo, pertencerá aos sócios individualmente, ou querendo-o mais do que um, abrir-se-á licitação entre eles;

Quinto: — A gerência da Sociedade, dispensada de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, podendo qualquer deles assinar assuntos de mero expediente.

Paragrafo Único: — Para obrigar a Sociedade é necessária e indispensável a assinatura de dois gerentes.

Sexto: — É expressamente proibido à gerência obrigar a Sociedade em fianças, abonações, letras de favor e demais actos ou documentos de interesse alheio aos negócios da sociedade, ficando pessoalmente responsável o gerente que praticar actos ilegais ou cotrários ao presente pacto social;

Sétimo: — Nenhum sócio poderá negociar directa ou indirectamente, por si ou interposta pessoa, em actividades exploradas pela sociedade ou afins destas, sem autorização concedida pela sociedade:

Oitavo: — As contas e balanços, referidos a trinta e um de Dezembro de cada ano, serão submetidos à assembleia geral ordinária até trinta e um de Março do ano seguinte;

Nono: — Os lucros líquidos apurados, depois de retirados cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que serão suportados os prejuízos, quando os houver;

Décimo: — A Sociedade dissolve-se nos casos legais e a sua liquidação efectuar-se-á como os sócios deliberarem e fôr de direito:

Paragrafo único: — No caso de algum sócio pretender ficar com o estabelecimento e haveres sociais, proceder-se-á à licitação sendo então adjudicados àquele que melhor oferta fizer em preço e condições de pagamento.

Está conforme.

Cartório Notarial de Vagos, dezassete de Janeiro de mil novecentos e setenta.

O Ajudante do Cartório

António Rodrigues

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

Concurso Médico

Está aberto concurso documental de habilitação por 20 dias, com inicio em 23 de Janeiro de 1970 para médicos da especialidade de Estomatologia da Delegação Clínica da Gafanha da Nazaré, da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro, devendo a documentação ser entregre na Caixa acima indicada — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 110-3.º — Aveiro, ou na Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º-Lisboa, até às 18 horas do dia 11 de Fevereiro do mesmo ano.

As condições de admissão encontram-se patentes na Caixa, Federação e Delegação referenciada.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1970

A Direcção,

ANÚNCIO

1.ª publicação

No dia dezanove do próximo mês de Fevereiro, às quinze horas, na Costa do Valado, próximo ao largo da Capela, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor constante do arrolamento, diversos cobertores, estantes e balcões desmontados e máquinas de escritório que se encontram apreendidos para a Massa Falida de «Teixeira, Mendes & C.ª» e cujo processo de falência corre termos pela 2.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Aveiro.

Aveiro, 26 de Janeiro de 1970

O Administrador da Massa Falida,

João Martins Ribeiro

Verifiquei.

O Síndico da Falência.

Hugo Afonso dos Santos Lopes

Litoral — Ano XVI — 31-1-1970 — N.º 794

Continuações

Beira-Mar — Marinhense

pelo estado do terreno, uma vez que lhes cumpria praticar futebol de ataque e vencer, portanto, para além da opinião dos seus antagonistas — tradicionalmente difíceis e felizes em Aveiro —, as contrariedades derivadas do piso do rectângulo, estiveram sempre na mó de cima: seguríssimos na defesa, que actuou sem falhas, e cujos laterais, não raro, empreendiam incursões ao campo adversário, reforçando a frente de ataque, os aveirenses contaram também com um binário médio activo, batalhador — embora tanto Abdul como Celestino jogassem aquém do seu normal.

Na transposição da bola para a dianteira, o Beira-Mar claudicou um tanto, já que não soube libertar-se da tendência de tentar progredir pela faixa central, afunilando o jogo. Nesse sector — mais povoado de adversários e com o relvado mais revolvido... — as dificuldades aumentavam, lògicamente: o Beira-Mar, embora dominando, fazia-o sem resultados práticos, em pura perda de tempo e de esforços, ante um Marinhense apostado em defender o seu último reduto.

Diga-se que, aqui e ali, a sorte esteve de mãos dadas com os homens da Marinha Grande, virando ostensivamente as costas aos «auri-negros».

Mas a verdade, incontroversa, é que os beiramarenses estiveram também em tarde cinzenta, no capítulo da finalização: os remates pecavam por carência de direcção ou, noutros casos, perdiam muito do seu efeito (pelo imprevisto), pelas demoras que se verificavam na preparação da bola, dando aso à intervenção e aos cortes dos marinhenses.

Além do que fica dito, é de referir que o guardião Vítor Gomes se cotou como a figura principal do grupo e do encontro, com uma série de defesas valiosas, em que denotou arrojo, segurança e elasticidade.

O Marinhense, que viveu refugiado no seu meio-campo, procurando reter o esférico, fracassou rotundamente na ofensiva, que não existiu, pràticamente: ao longo do desafio, apenas quatro vezes surgiram os marinhenses na grande-área do Beira-Mar, proporcionando intervenções seguras e fáceis a José Pereira. Muito pouco, portanto.

A finalizar: o jogo, modesto como se referiu, no tocante ao association praticado, valeu pela incerteza e pela exiguidade do desfecho. O golo solitário que marcou o triunfo — inteiramente justo — dava ensejo a que qualquer hipótese pudesse vir a registar-se, pois, como o povo diz, «até ao lavar dos cestos é vindima»...

Na turma do Beira-Mar, tiveram actuações altamente positivas os elementos da defensiva, sobretudo Soares (que indicamos para o Prémio da Camisaria Moreto) e Almeida, o mesmo sucedendo com Marçal e Eduardo, ambos úteis; notabilizaram-se os extremos, Jerónimo e Lázaro, na condução do esférico, e Colorado e Celestino, no «miolo» do campo, o último principalmente pelo seu espírito de luta.

No Marinhense, fulgiu o guardião, Vítor Gomes. Depois dele, evidenciaram-se Manaça, Craveiro, Cunha Velho e Parada.

O árbitro, bem auxiliado, produziu trabalho equilibrado, atento e seguro — merecendo boa nota.

Sumário Distrital

cambrense (23-14), 27. 3.° — Oliveirense (27-13), 25. 4.° — Beira-Mar (19-14), 22. 5.° — Ovarense (10-11), 22. 6.° — Feirense (8-18), 13. 7.° — Lamas (7-33), 13.

ZONA B — 9.ª jornada

ALBA — AROUCA 2-1
MACINHATENSE — FERMENTELOS 3-1

Classificação — 1.° — Arouca (25-12), 18 pontos. 2.° — Fermentelos (28-10), 17. 3.° — Macinhatense (16-17), 17. 4.° — Alba (9-12), 13. 5.° — Pampilhosa (2-29), 6.

O Arouca tem mais um jogo que os restantes grupos; e o Pampilhosa tem uma falta de comparência.

JUNIORES

FASE FINAL — 3.° jornada

Série dos Primeiros

ALBA — SANJOANENSE 0-1
ANADIA — FEIRENSE 1-1

Classificação — 1.° — Sanjoanense (5-0), 8 pontos. 2.° — Feirense (5-4), 7. 3.° — Anadia (3-7), 5. 4.° — Alba (5-7), 4.

Série dos Segundos

VALONGUENSE — LAMAS . . 2-1

Série dos Terceiros

PAMPILHOSA — OVARENSE . . 0-1

Série dos Quartos

ESTARREJA — LUSITÂNIA . . . 0-0
O. DO BAIRRO — CESARENSE . 3-2

Série dos Quintos

CUCUJÃES — ESPINHO . . . 2-1

JUVENIS

ZONA A — 14.ª jornada

VALECAMBRENSE — FEIRENSE . 0-1
ARRIFANENSE — ESPINHO . . 2-4
BUSTELO — AROUCA 0-2
SANJOANENSE — S. ROQUE . 4-0
CUCUJÃES — LUSITÂNIA . . . 3-1

Classificação — 1.° — Espinho (35-14), 36 pontos. 2.° — Sanjoanense (38-8), 35. 3.° — Cucujães (27-13), 32. 4.° — Arouca (21-17), 30. 5.° — Arrifanense (15-14), 30. 6.° — Feirense (26-15), 29. 7.° — Valecambrense (22-24), 27. 8.° — Lusitânia (19-22), 27. 9.° — S. Roque (11-46), 18. 10.° — Bustelo (6-48), 16.

ZONA B — 14.ª jornada

OVARENSE — RECREIO 4-0
GAFANHA — ALBA 2-4
ESTARREJA — ANADIA . . . 0-1
AVANCA — OLIVEIRENSE . . . 5-1

Classificação — 1.° — Avanca (23-7), 35 pontos. 2.° — Anadia (20-10), 30. 3.° — Alba (23-21), 28. 4.° — Ovarense (17-11), 27. 5.° — Beira-Mar (22-14), 25. 6.° — Gafanha (15-26), 21. 7.° — Oliveirense (14-25), 20. 8.° — Recreio de Águeda (8-21), 20. 9.° — Estarreja (13-20), 18.

Beira-Mar, Gafanha, Oliveirense, Recreio de Águeda e Estarreja têm menos um jogo que os restantes grupos.

Basquetebol

JUVENIS

Resultados da 2.ª jornada

C. D. U. P. — OLIVAIS . . . 51-39
GALITOS — PORTO 47-52

GALITOS, 47 — PORTO, 52

Jogo no Pavilhão de Aveiro. Árbitros — Narsindo Vagos e Aureliano Silva.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Vale 6-6, Marques 2-4, Penicheiro 0-6, Moreira, Gaioso 8-6, Ulisses 3-0, Peixinho 2-2, e Clemente 2-0.

PORTO — Calvário 5-2, Francesco, Oliveira 11-6, Mário Afonso 1-0, Venâncio 6-2, Correia 0-2, e Ribeiro 2-14.

1.ª parte: 23-25. 2.ª parte: 24-27.

Partida disputada palmo-a-palmo, com muitas igualdades e com alternâncias no comando, que veio a ser decidida nos três minutos finais, a favor da turma então mais lúcida e mais feliz na finalização. Curioso o facto dos pontos que determinaram o triunfo portista serem alcançados na transformação de lances-livres — nada menos de sete! —, desfazendo a igualdade de 45-45 que então se registava.

Arbitragem insegura, mas imparcial, que não agradou nem a vencedores nem a vencidos...

Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
C. D. U. P.	2	2	0	94-77	4
Galitos	2	1	1	91-89	3
Porto	2	1	1	90-90	3
Olivais	2	0	2	76-85	2

Jogos para amanhã:

GALITOS — C. D. U. P. (11)
OLIVAIS — PORTO (11)

FEMININO

I DIVISÃO — 2.ª jornada

SANJOANENSE — ACADÉMICA 34-47
GAIA — C. D. U. P. 31-22
PORTO — ACADÉMICO . . . 45-65

II DIVISÃO — 1.ª jornada

ILLIABUM — EFACEC 44-6
ESGUEIRA — OLIVAIS 34-33
FIGUEIRENSE — VILANOVENSE (a)
SPORT — EDUC. FISICA . . 29-39

(a) — averbada falta de comparência à turma da Figueira da Foz, no termo do primeiro período, altura em que o resultado lhe era favorável por 7-6.

Jogos para amanhã:

ACADÉMICO — SANJOANENSE (15)
ACADÉMICA — C. D. U. P. (16.30)
GAIA — PORTO (16.30)
EFACEC — ESGUEIRA (16)
OLIVAIS — FIGUEIRENSE (16)
VILANOVENSE — SPORT (15)
EDUC. FISICA — ILLIABUM (16)

Andebol de Sete

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Aguiar (Narciso), Gamelas 1, Varelas 1, Neves 8, Tó-Zé 4, Leal 3, Mané 2, Vieira 1, Lé e Sequeira.

CUCUJÃES — Silva (Ramalhosa), João, Fernando 1, Guilherme 1, Jorge, Mergulhão 2, Brito 1, Ventura 1, Orlando e Aníbal 1.

Nítido ascendente dos aveirenses, que já ganhavam por 12-2 no termo da primeira parte. Vitória sem discussão, que poderia ter ganho ainda maior desnível.

Juniores

Beira-Mar, 25 — Cucujães, 2

Jogo no Pavilhão de Aveiro. Árbitros — Franklim Amaral e António Costa.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Vieira (Correia), Albergaria 1, Albino, Malheiro 2, Helder 12, Taveira 8, Paixão 1, Oliveira, Machado 1 e João Manuel.

CUCUJAES — Amaro (Afonso), Plácido, Cardoso, Leite, Alberto, João 1, Marílio 1 e Pereira.

Os beiramarenses, com períodos de muito fulgor, em contra-ataques rapidíssimos, nunca tiveram dificuldades. Ao cabo da primeira metade, já venciam por 11-0.

•

Os árbitros tiveram actuações discretas, nos dois jogos. Foram, contudo, isentos, errando para ambos os lados.

Assunto para rever: o incumprimento dos horários. Desta vez (e por atraso dum dos árbitros...) a sessão principiou com 36 minutos de atraso, no primeiro jogo, do que resultou que o encontro de seniores só começou 57 minutos depois da hora regulamentar!

Claramente, não está certo. Importa que se tomem providências necessárias para que casos semelhantes não voltem a repetir-se. Assim o exigem o público, os atletas e o prestígio da modalidade.

Atletismo

litos), 3 m. e 46 s.; 2.°, Jorge Meireles (idem), 3 m. e 49 s.

Iniciados (masculinos) — 1 200 metros — 1.°, José Santos (Galitos), 4 m. e 57,5 s.; 2.°, Vítor Lopes (idem), 5 m. e 17,2 s.

Juvenis (masculinos) — 2 850 metros — 1.°, António Marinho (Estarreja), 10 m. e 38,4 s. 2.°, Carlos Marques (idem), 11 m. e 02,2 s.; 3.°, Manuel Relvas (idem), 11 m. e 20 s.; 4.°, Carlos Ferreira (Galitos), 11 m. e 26 s.; 5.°, José Oliveira (idem), 12 m. e 17 s.; 6.°, Isidro Ribeiro (idem), 12 m. e 26 s.; 7.°, Gaspar Monteiro (idem), 12 m. e 27 s.

Juniores (masculinos) — 5 750 metros — 1.°, Manuel Oliveira (Galitos), 21 m. e 26 s.; 2.°, José Gamelas (Estarreja), 21 m. e 26,6 s.; 3.°, Carlos Fereira (Galitos), 22 m. e 40 s.; 4.°, João Rodrigues (Estarreja), 22 m. e 50 s.; 5.°, José Pereira (Galitos), 24 m. e 27 s.

Seniores (masculinos) — 9 500 metros — 1.°, Américo Cabica (Estarreja), 37 m. e 27,4 s.; 2.°, João Campos (idem), 38 m. 05 s.; 3.°, José Cabica (idem), 39 m. e 02 s.; 4.°, António Cunha (idem), 41 m. e 49 s.; 5.°, Manuel Silva (idem), 41 m. e 50 s.

Juvenis (femininos) — 950 metros — 1.ª, Isabel Maria (Estarreja), 4 m. e 28,5 s.

Juniores (femininos) — 1 550 metros — 1.ª, Maria Teresa (Estarreja), 9 m. e 15,5 s.; 2.ª, Ana Paula (idem), 9 m. e 16,5 s.

POR EQUIPAS

Juvenis (masculinos) — 1.°, Estarreja, com 6 pontos; 2.°, Clube dos Galitos, com 15 pontos.

Seniores (masculinos) — 1.°, Estarreja, com 15 pontos.

CICLISMO

o título, vencendo as duas «mãos»: na primeira, concluiu isolado, em consequência de Lino Santos ter desistido, por queda que o impossibilitou de comparecer à prova final: gastou no percurso 10 m. e 10 s.

Na segunda «mão», nova vitória, com o tempo de 1 h. 47 s. — à frente de Manuel Lote e Celestino de Oliveira, que fizeram o mesmo tempo.

Os três ciclistas, representantes do Sangalhos, ficaram qualificados para o Campeonato Nacional.

MORREU VIRGÍLIO VEIGA

ainda, vai, por honrosa escolha, preencher um elevado cargo. Que seja feliz — é o nosso voto, com um amigo e grato abraço de despedida.

Virgílio da Conceição Veiga contava 52 anos de idade. Era casado com a sr.ª D. Maria Adosinda Ferreira de Andrade; pai da sr.ª D. Rosa Maria de Andrade Veiga Duarte, casada com o sr. Virgílio Alberto Duarte, do sr. Jorge Manuel de Andrade Veiga, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Rita Teixeira de Andrade Veiga, e da menina Ana Maria de Andrade Veiga; e genro do nosso bom amigo sr. Raul Ferreira de Andrade, ajudante de notário aposentado.

O funeral de Virgílio Veiga, que constituiu impressionante manifestação de pesar, realizou-se no dia 27, para o Cemitério da Ajuda, em Lisboa.

À família enlutada, os pêsames do LITORAL.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.° 23 DO «TOTOBOLA»

8 de Fevereiro de 1970

1 — U. TOMAR — SETÚBAL 1
2 — BARREIRENSE — BRAGA . . . 1
3 — PORTO — SPORTING 1
4 — VARZIM — BOAVISTA 1
5 — GUIMARÃES — ACADÉMICA . . 2
6 — BELENENSES — LEIXÕES . . . 1
7 — ESPINHO — VIZELA 1
8 — LEÇA — MARINHENSE 1
9 — A. DE VISEU — PENAFIEL . . . 1
10 — FARENSE — ATLÉTICO 1
11 — SANTARÉM — LUSO 1
12 — SEIXAL — TORRIENSE X
13 — PORTIMONENSE — MONTIJO . . 1

SECÇÃO DIRIGIDA POR

ANTÓNIO LEOPOLDO

DESPORTOS

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

A MARCHA DA PROVA

Resultados da 16.ª jornada

GOUVEIA — VIZELA 1-0
BEIRA-MAR — MARINHENSE . . 1-0
ESPINHO — SALGUEIROS . . . 2-3
LEÇA — LAMAS 2-2
TIRSENSE — T. NOVAS 4-1
SANJOANENSE — A. VISEU . . 4-0
FAMALICÃO — PENAFIEL . . . 3-1

Mapa de pontos

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Tirsense	16	12	2	2	30-13	26
Beira-Mar	16	9	3	4	35-16	21
Sanjoanense	16	8	5	3	26-12	21
Salgueiros	16	7	5	4	29-22	19
Famalicão	16	5	6	5	28-24	16
Gouveia	16	7	2	7	23-22	16
Vizela	16	6	4	6	19-23	16
Marinhense	16	4	6	6	21-22	14
Espinho	16	5	4	7	21-30	14
Leça	16	2	9	5	14-19	13
T. Novas	16	6	1	9	19-36	13
Penafiel	16	4	4	8	20-27	12
Lamas	16	4	4	8	18-26	12
A. Viseu	16	3	5	8	14-24	11

Jogos para amanhã

PENAFIEL — GOUVEIA (1-3)
VIZELA — BEIRA-MAR (0-3)
MARINHENSE — ESPINHO (0-0)
SALGUEIROS — LEÇA (1-1)
LAMAS — TIRSENSE (1-3)
T. NOVAS — SANJOANENSE (0-4)
A. VISEU — FAMALICÃO (2-2)

Beira-Mar, 1 — Marinhense, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte. Árbitro — João Gomes, da Comissão Distrital do Porto, coadjuvado pelos srs. Tomás de Matos (bancada) e Fernando Alberto (peão).

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — José Pereira; Eduardo, Marçal, Soares e Almeida; Celestino (Cândido, aos 82 m.) e Abdul (Colorado, aos 46 m.); Jerónimo, Amaral, Nélinho e Lázaro.

MARINHENSE — Vítor Gomes; Cardoso, Cunha Velho, Craveiro e Armando; Parada e Leitão; Carapinha, Veiga (José João, 61 m.), Manaça e Vítor Manuel.

●

O único golo do desafio foi marcado logo após o reatamento, quando corria o 46.º minuto. Num lance pela zona central, Amaral e Nélinho progrediram, havendo uma abertura do último para a direita, onde Jerónimo surgiu, em insistência, para centrar. A bola veio por alto, permitindo o remate vitorioso de COLORADO, em golpe de cabeça.

●

Os astros concederam tréguas, não tendo chovido durante os noventa minutos do prélio entre beiramarenses e marinhenses; e houve até alguns momentos em que, embora com timidez, o sol esteve presente. Mas, mesmo com esse benefício, o relvado de Aveiro apresentou-se em condições muito precárias, transformando-se em lodaçal em muitas zonas — logo depois dos primeiros lances — dificultando o trabalho dos dois grupos.

Efeitos do mau tempo, que se tem feito sentir, que vieram a ter decisiva importância na actuação dos jogadores e no nível do desafio, que se quedou em plano modesto. Os beiramarenses, conquanto viessem a sentir mais dificuldades

Continua na página sete

CAMPEONATOS DE AVEIRO DE «CORTA MATO»

Na manhã de domingo, conforme anunciámos, realizaram-se em Estarreja, nos terrenos que circundam o Campo do Dr. Tavares da Silva, os Campeonatos Regionais de «Corta-Mato» promovidos pela Associação de Desportos de Aveiro, que contou com eficiente colaboração técnica da Comissão Distrital de Juízes de Atletismo do Porto.

Fizeram-se representar duas colectividades: Estarreja e Galitos. Apuraram-se as seguintes classificações:

INDIVIDUAL

Infantis (masculinos) — 950 metros — 1.º, Gabriel Ribeiro (Ga-

Continua na página sete

Sumário DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada:

ARRIFANENSE — MEALHADA . . 4-1
CUCUJÃES — S. JOÃO DE VER . 2-0
VALONGUENSE — ESMORIZ . . 1-1
ANADIA — PAIVENSE 2-0
PEJÃO — OVARENSE 0-3
BUSTELO — RECREIO 1-3
P. BRANDÃO — O. DO BAIRRO . 1-0
ESTARREJA — S. ROQUE . . . 4-1

Classificação geral:

1.º — Anadia (37-15), 32 pontos. 2.º — Paços de Brandão (24-16), 32. 3.º — Esmoriz (18-10), 31. 4.º—Oliveira do Bairro (26-15), 30. 5.º — Ovarense (20-11), 29. 6.º — Recreio de Águeda (18-13), 28. 7.º — S. Roque (17-14), 28. 8.º — Valonguense (18-12), 27, 9.º — Estarreja (22-17), 27. 10.º — Paivense (17--19), 26. 11.º — Bustelo (22-22), 24. 12.º — Arrifanense (21-21), 23. 13.º — Mealhada (21-28), 22 14.º — Cucujães (11-29), 22. 15.º — S. João de Ver (11-22), 21. 16.º — Pejão (7-45), 14.

RESERVAS

ZONA A — 13.ª jornada

OLIVEIRENSE — LAMAS . . . 8-2
FEIRENSE — OVARENSE . . . 0-2
VALECAMBRENSE — LUSITÂNIA 3-1

Classificação — 1.º — Lusitânia (17-8), 28 pontos. 2.º — Vale-

Continua na página sete

ANDEBOL de SETE

Campeonatos de Aveiro

— Principiou, no sábado, a segunda volta dos torneios aveirenses, com os desafios correspondentes à quarta jornada. Apuraram-se estes desfechos:

Seniores

BEIRA-MAR — CUCUJÃES . . 21-7
ESPINHO — SANJOANENSE . 15-13

Juniores

BEIRA-MAR — CUCUJÃES . . 25-2
ESPINHO — SANJOANENSE . . 10-7

— As classificações ficaram assim ordenadas:

Seniores

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	4	3	0	1	59-34	10
Espinho	4	3	0	1	50-44	10
Sanjoanense	4	2	0	2	64-60	8
Cucujães	4	0	0	4	35-70	4

Juniores

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	4	3	1	0	52-27	11
Espinho	4	2	1	1	31-33	9
Sanjoanense	4	2	0	2	53-34	8
Cucujães (a)	4	0	0	4	13-55	3

(a) — tem uma falta de comparência

— Jogos para esta noite, às 21 e às 22 horas, em S. João da Madeira e Cucujães (juniores e seniores, respectivamente):

SANJOANENSE — BEIRA-MAR
CUCUJÃES — ESPINHO

OS JOGOS DE AVEIRO

Seniores

Beira-Mar, 21 — Cucujães, 7

Jogo no Pavilhão de Aveiro. Árbitros — Franklim Amaral e António Costa.

Continua na página sete

Ciclismo

CAMPEONATOS DE AVEIRO DE «CICLO-CROSS»

● Na segunda «mão» do torneio reservado à «Amadores» e «Populares», apuraram-se estes resultados:

1.º — Arnaldo Santiago, Sangalhos, 39 m. 7 s. 2.º — António Freitas, União de Coimbra, 39 m. 50 s. 3.º — Joaquim Santos Silva, Sangalhos, 42 m. 50 s.. 4.º — Lineu Matos, Sangalhos, 43 m. 36 s. 5.º — Mário Rocha, Sangalhos, 43 m. 50 s. 6.º — Abílio Seco, União de Coimbra, 53 m. 2 s.

Deste modo, a classificação geral ficou assim ordenada; 1.º — Arnaldo Santiago. 2.º — António Freitas. 3.º — Joaquim Santos Silva. 4.º — Lineu Matos. 5.º — Mário Rocha. 6.º — Abílio Seco.

Todos os ciclistas ficaram apurados para o Campeonato Nacional, marcado para amanhã, 1 de Fevereiro. De assinalar a presença do União de Coimbra, agora regressado às competições velocipédicas; e de referir que todos os estradistas são «populares», exceptuando Lineu Matos («amador-sénior»).

● No campeonato de «Profissionais», Joaquim Santiago ganhou

Continua na página sete

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

Zona A

OLIVAIS — SANGALHOS . . 52-32
FLUVIAL — ILLIABUM 37-46
C. D. U. P. — NAVAL 69-31

Zona B

SANJOANENSE — LEÇA . . . 56-47
GAIA — SPORT 66-34
GUIFÕES — ESGUUEIRA . . . 62-49

GUIFÕES, 62 — ESGUEIRA, 49

Jogo no Pavilhão de Gaia. Árbitros — José Lemos e Carlos Mesquita, do Porto.

Alinharam e marcaram:

GUIFÕES — Matos 6, Ribeiro 11, Faria 34, Oliveira I, Martins, Silva, Freitas 5, Oliveira II 2, Duarte, Marinho 4 e Almeida.

ESGUEIRA — Ravara, Peixinha, José Fernando 8, Garcia, Manuel Pereira 6, Tavares 17, Fernando, Américo 12, Ferreira, Elmano, Salviano 2 e Labrincha 4.

1.ª parte 30-22. 2.ª parte: 32-27.

Vitória certa dos guifonenses, ante réplica animosa da turma esgueirense, mais perto do seu real valor na segunda metade do jogo.

Classificações

Zona A

	J.	V.	D.	Bolas	P.
C. D. U. P.	2	2	0	138-67	4
Olivais	2	1	1	112-122	3
Sangalhos	2	1	1	68-83	3
Illiabum	2	1	1	82-106	3
Galitos	1	1	0	90-60	2
Fluvial	2	0	2	68-82	2
Naval	1	0	1	31-69	1

Zona B

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Guifões	2	2	0	108-92	4
Sanjoanense	2	2	0	111-101	4
Leça	2	1	1	96-85	3
Gaia	2	1	1	85-83	3
Sport	2	0	2	77-110	2
Figueirense	1	1	1	54-55	1
Esgueira	1	0	1	49-62	1

ELEIÇÕES NA ASSOCIAÇÃO DE DESPORTOS DE AVEIRO

Estão marcados para a próxima quarta-feira, 4 de Fevereiro, pelas 21-.30 horas, as eleições dos corpos gerentes da Associação de Desportos de Aveiro:

Na presidência dos vários dirigentes ficarão os seguintes desportistas : Ulisses Rodrigues Pereira — Assembleia Geral ; **Alfredo Carlos de Almeida Marques** — Direcção ; **Carlos Pinheiro de Morais** — Conselho Fiscal ; **Eng.º Carlos Lourenço Bola** — Conselho Técnico ; **e Dr. Sebastião Dias Marques** — Conselho Jurisdicional.

Jogos para hoje

ILLIABUM — OLIVAIS (21.30)
GALITOS — SANGALHOS (21)
NAVAL — FLUVIAL (21)
SPORT — SANJOANENSE (21)
LEÇA — FIGUEIRENSE (21)
ESGUEIRA — GAIA (21.30)

JUNIORES

Resultados da 2.ª jornada

GUIFÕES — ACADÉMICA . . 35-28
GALITOS — PORTO 76-60

GALITOS, 76 — PORTO, 60

Jogo no Pavilhão de Aveiro. Árbitros — Narsindo Vagos e Aureliano Silva.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Vieira 0-1, Campos 3-3, Júlio 2-0, Madureira 15-31, Farela 12-5, e Bastos 0-4.

PORTO — Pedro 0-2, Ivo Leite 7-3, Leguíssimo, Manuel António 16-8, Reinaldo 2-2, Alves Pereira 6-2, Hernâni 0-2 e Pedrosa 0-5.

1.ª parte: 32-32. 2.ª parte: 44-28.

Excelente desafio, de grande vibração, com vitória brilhante dos campeões aveirenses — irresistíveis na segunda parte, impulsionados por Madureira, só por si um espectáculo e uma autêntica «máquina» a encestar.

Arbitragem com falhas, mas imparcial, no conjunto.

Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	2	2	0	133-99	4
Porto	2	1	1	128-105	3
Guifões	2	1	1	64-96	3
Académica	2	0	2	67-92	2

Jogos para amanhã

GALITOS — GUIFÕES (9.30)
ACADÉMICA — PORTO (10.30)

Continua na página sete

Morreu VIRGÍLIO VEIGA

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento, em 25 de Janeiro, de Virgílio Veiga — ocorrido inesperadamente em Monchique (Algarve), onde se encontrava no desempenho das suas funções de Inspector Administrativo.

Virgílio Veiga foi sempre dedicado amigo do LITORAL, de que foi o primeiro director da página de Desportos. No número de 5 de Novembro de 1955, quando da sua substituição, nesse posto, por João Sarabando, escreveu-se:

Por cinquenta e seis números — durante mais de um ano — e ininterruptamente, Virgílio Veiga dirigiu a secção desportiva do Litoral. Pôs na tarefa, por vezes espinhosa, todo o peso do seu saber, toda a autoridade duma firme rectidão. Relatou com escrúpulos, apreciou com serena objectividade, louvou quando de justiça, castigou quando preciso. E no relato, na crítica, no louvor ou na censura — nem afoito, nem tímido: independente — Virgílio Veiga usou sempre de ajustada medida, olhos postos nos fins educacionais que constituem a essencial razão do Desporto. Soube incentivar os desencorajados, animar iniciativas, reivindicar direitos ofendidos, lembrar obrigações a cumprir. Servindo, assim, o Litoral, a que tanto se dedicou, também o Desporto lhe fica a dever relevantes serviços.

Chamado agora, pelos seus méritos profissionais, a um mais elevado posto, Virgílio Veiga não pode, em Lisboa, continuar à frente da secção. Perdemos um dos nossos melhores colaboradores; mas compensa-nos da perda a satisfação de sabermos Virgílio Veiga no caminho ascencional da sua carreira de funcionário. Novo

Continua na página sete